

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES
21 de setembro de 2024

MORE BRITISH SOUNDS

FILM MONTAGES (FOR PETER ROEHR)

FINISHED

Programa de William E. Jones

Estados Unidos, 2006, 2006, 1997 / *Cópias*: Digital (**More British Sounds** e **Film Montages**) e 16mm (**Finished**), sem diálogos (**Film Montages**) e falados em inglês com legendas eletrônicas em português (**More British Sounds** e **Finished**) / *Inéditos comercialmente em Portugal / Primeiras apresentações na Cinemateca.*

Duração total da projeção: 97 minutos (8', 11', 78').

Aviso: Os materiais de origem, raros e muito precários, justificam a baixa qualidade das cópias aqui exibidas. **Finished** é exibido em 16mm, apresentando alguma falta de definição na banda de imagem e de som. Chama-se ainda a atenção para as duas pequenas interrupções que ocorrerão durante a projeção de **Finished**, devido à impossibilidade de se fazerem cortes numa cópia de arquivo como a que exibimos.

Sessão apresentada por João Ferreira, diretor artístico do Queer Lisboa.

Académico, cineasta, artista, escritor... William E. Jones pode ser apresentado de diversas maneiras. Mas mais importante do que defini-lo será responder à questão “o que é que *o torna*” académico, cineasta, artista, escritor, etc. Ele próprio diz que um dos momentos de viragem na sua biografia pessoal aconteceu quando deixou de ditar o sentido aos materiais que constituíam o *corpus* da sua investigação artística e académica, passando, enfim, a fazer o contrário; a ouvir o que o material lhe tinha a dizer. Da mesma forma, e contra a corrente dominante que dita o que faz de alguém um cineasta ou um artista, começou a apresentar-se muito simplesmente como artista. Portanto, e em suma, o artista surge no *gestus* de Jones como alguém que sabe ouvir o material que tem em mãos, conferindo-lhe uma forma final qualquer (mas não definitiva, pois aquilo que é mostrado na sala escura, de um cinema, como “um filme”, poderá ressurgir nas salas brancas, de um museu, como uma instalação ou, em papel ou num livro, como “ensaio” académico). A forma final permanece assim relativamente aberta e resulta de um diálogo intenso que não enjeita a autorreflexão francamente intimista (a palavra “eu” por vezes elidida do discurso académico, mas potenciada no campo de uma arte de apropriação ou ensaística, de facto, livre).

O outro aspeto discursivo importante para “definir o que define” a arte de Jones é a dimensão, por vezes, contra pontual ou “desconcertante” entre quem fala e o material reapresentado. A dessincronia entre som e imagem é, sensivelmente desde Godard, uma das marcas de água do cinema moderno e é neste espaço de (des)encontro que Jones produz o seu discurso, quer dizer, potencia o tal “diálogo”. Não se trata de oferecer um diálogo, mas de o criar na relação direta com um espectador ativo e crítico, capaz de pôr em relação materiais de naturezas e finalidades distintas. De um lado, temos o ensaísta que tenta (no sentido de “essaie”) organizar um

determinado material encontrado (normalmente filmes institucionais ou pornográficos, dois tipos de arquivo privilegiados pelo Jones-investigador). Do outro lado, acedemos ao desenrolar dessa procura – não raras vezes os filmes são sobre “o desenrolar de uma procura qualquer”, como é o caso muito evidente aqui de **Finished**. Em termos muito contemporâneos e à maneira de Yves Citton e da sua “ecologia da atenção”, dir-se-ia que Jones promove uma certa “investigação conjunta” com o espectador ou, pelo menos, promove essa ideia de uma convocatória de um olhar que se constitui entre quem fala e quem ouve perante um dado *corpus* “desarquivado”.

Mesmo quando parece que Jones impõe um sentido, por um processo situacionista de *détournement*, no caso de **More British Sounds**, na realidade, o artista norte-americano está apenas a chamar a atenção para o (riquíssimo) subtexto contido num material tido culturalmente como “baixo”, no caso, um filme pornográfico chamado **The British Are Coming** (1986) de James Ryder. Não é que ele seja elevado pelo filme-ensaio do Grupo Dziga Vertov, encabeçado por Jean-Luc Godard, feito para uma companhia televisiva britânica que acabou por o rejeitar, **British Sounds** (1969), porque, de facto, eles são colocados em diálogo. E o resultado deste *tête-a-tête* algo desconcertante faz-se, pois claro, na nossa cabeça, sem grande orientação facultada pelo artista Jones. As más condições de vida e de trabalho denunciadas no filme altamente político de Godard *et al.* intrometem-se na imagem do filme por via do som, quer dizer, insinuam-se – algo despidoradamente, apetece escrever – naquilo que vemos: por exemplo, uma relação de serventia variável entre um jovem em cuecas e um guarda da realeza britânica vestido a rigor. Outras relações de poder e controlo são postas em ato durante o sexo enquanto uma série de locuções altamente politizadas se acumula, numa espécie de lixeira de ruído, na banda de som.

Menos político e mais da ordem do puro *divertissement* sonoro e visual, **Film Montages** é simultaneamente uma homenagem ao artista *pop* germânico Peter Roehr e um trabalho de apropriação que faz de princípios como a repetição ou o ritmo variável eixos principais dessa *mise en place* de sons e imagens. Em certa medida, Jones adia ou evita as imagens mais gráficas, de sexo explícito, mas busca incessantemente em cada fotograma roubado o sentido de *jouissance* associado a estas *performances* sexuais encontradas em filmes pornográficos homossexuais, um universo em que Jones se especializou e que torna aqui em recreio para brincar – e flirter – com as possibilidades expressivas (em particular, musicais) da montagem. É difícil não ver neste exercício uma forma de libertação do próprio Jones em relação a algo que se tornara em imagem de marca do seu gesto artístico: a associação entre imagens de arquivo e um discurso, dito em *over*, densamente povoado por interpretações e (auto-)análises de cariz sociológico, cultural ou político.

Nesse sentido, **Finished** é um dos trabalhos mais paradigmáticos “desse” Jones mais, digamos, “escolástico”: uma verdadeira *enquête* sociológica partindo do retrato (possível) de um ator de pornografia *gay* cujo fim trágico de vida só lhe adensou o mistério e porventura, diria um Georges Bataille, a sua própria potência erótica. “Um messias do porno *gay*” – é assim que Jones descreve Alan Lambert, cujo suicídio aos 25 anos, ato público meticulosamente planeado, comoveu e intrigou o realizador. O seu ponto de partida é outro: **Meet John Doe** (1941), de Frank Capra, filme sobre um “zé ninguém” que ameaça cometer suicídio em protesto contra a situação social do país. O filme é mais complexo do que isto, mas o tema do suicídio e de um certo estado de abandono do “herói esquecido” é o que interessa e comove Jones, que torna **Finished** uma espécie de tratado devoto, quase religioso, acerca de um homem cuja vida e o seu próprio autossacrifício teriam caído quase por completo no esquecimento não fosse o gesto de Jones de o resgatar, fazendo incidir na história deste “John Doe do porno *gay*” a luz da sua escrita e o esforço do seu habitual trabalho de escavação e reapresentação arquivística.

Jones começa por explicar que por detrás da mundialmente famosa indústria do cinema de LA se esconde um igualmente prolífico sistema de produção ligado à pornografia homossexual. Como Hollywood, este último, mesmo que subcutaneamente, também apresenta uma mitologia própria. Percebemos logo ao início que o interesse de Jones está menos na *persona* sexual – ainda que, atenção, não a pretenda desvalorizar minimamente – do que na pessoa, em tudo o que tem de enigmático e imperscrutável. Também radica no modo como Lambert preparou o seu suicídio, à laia de um *statement* público. O que Lambert oferece a Jones é a possibilidade de pensar para lá da fachada de uma indústria e dos seus estereótipos de “cartão” (ou estritamente de carne), uma maneira de expandir o tema do desejo por via do estudo e entendimento profundo da pessoa por detrás do *performer*, para lá da sua existência como ícone ou como “mercadoria” – talvez seja este o ato de rebeldia da escrita, quer dizer, da “leitura de vida” de Jones, isto é, o facto de nunca se ficar pela superfície mas também de nunca excluir (antes pelo contrário) o tema do sexo ou do desejo. Na realidade, Jones faz da libido suscitada por Lambert a força propulsora da investigação, expondo os interstícios de todo um processo de revelação identitária (a sua própria [homos]sexualidade) e de toda uma mitologia mais ou menos secreta, que podemos considerar “baixa” se nos faltar o olhar penetrante e denso do escritor-artista-cineasta-académico que é William E. Jones, qual camaleão perdido pelo arquivo.

Luís Mendonça